

ANEXOS

ANEXO A

Anúncios publicitários de *Úrsula*

Capa da terceira edição da obra *Úrsula*, publicada pela Editora Presença / INL Brasília, em 1988.

Maria Firmina dos Reis ÚRSULA



PRESENÇA/MinC/PRÓ-MEMÓRIA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO



ÚRSULA

Maria Firmina dos Reis

PRESENÇA/MinC/PRÓ-MEMÓRIA
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO



Coleção Presença n. 12

Anúncio de *Úrsula* publicado no jornal *Publicador Maranhense* em 09 de agosto de 1860

URSULA.
ROMANCE BRASILEIRO.
POR
UMA MARANHENSE.
UM VOLUME EM 8º PREÇO 2,000

Esta obra, digna de ser lida não só pela singeleza e elegancia com que é escripta, como por ser a estréa de uma talentosa maranhense, merece toda a protecção publica para animar a sua modesta authora a fim de continuar a dar-nos provas de seu bello talento.

Assigna-se nesta typographia.

Anúncio de *Úrsula* publicado no jornal maranhense *A Moderação* em 11 de agosto de 1860

A MODERAÇÃO.

S. LUIZ 11 DE AGOSTO DE 1860.

CRONICA SEMANARIA.

Fallecimento.—O exm. sr. senador Antonio Pedro da Costa Pereira, filho do tradado baixou a sepultura na corte do imperio, no dia 18 do passado com perto de noventa annos. A provincia do Maranhão, perdeu um dos seus grandes ornamentos.

Do *Correio Mercantil*, extractamos o que se lê em outro lugar desta folha acerca do illustre finado, que sendo conhecido em todo o imperio pela sua honradez, desinteresse, e inabalavel finessa de caracter, desnoceccario é reproduzimos o que é de todos sabido.

O seu passamento foi mais um grande golpe que levou o partido liberal.

S. Bento.—O menino João Tinoco ao regressar aos lares patricios tem fallado *verdade* que é um *gosto* ouvi-lo. Diz elle que S. exc. o sr. presidente da provincia lhe promettera a delegacia de policia logo que passe as eleições, e que S. exc. lhe recomendará que recitasse assim que tomasse conta da delegacia, todos os que votassem com os liberaes. Cá... cá... cá...

Pois S. exc. algum dia se occupou de fallar com tal habilidade em politica?

Com os precedentes de S. exc. podemos affiançar aos nossos amigos de S. Bento e de toda provincia, que S. exc. não se envolve em eleições, não toma interesse por nenhuma parcialidade e nem concorre em patifarias eleitoraes; e nem mesmo se recorda ou se seja o tal sr. Tinoco, dado o caso se algum o via.

Não seja tolo sr. Tinoco, você não é consa alguma em prosa ou verso.

Pronuncia.—Pelo meritissimo juiz de direito da Alcantara foi sentenciado o *innocente* João Francisco Regis I. suppiente do delegado de policia de S. Bento.

Se ainda não foi demittido lembramos a S. exc. a destituição de tal homem violento e rancoroso que criminoso como está, não pode figurar em cargos publicos.

Úrsula.—Achta-se avenda na typographia do *Progresso*, este romance original brasileiro, produção da exm. sr. d. Maria Firmina dos Reis, professora publica em Guimarães.

Saudamos a nossa comprouviciana pelo seu ensaio, que revela de sua parte bastante illustração; e, com mais vagar emitiremos a nossa opinião, que desde já affiançamos não será desfavoravel á nossa distincta comprouviciana.

Ladroses.—Forão afinal na noite de 4 do corte capturados dons ratoneiros, um tal Chico Pinto, e um Maravilha no largo de S. João, as onze heias da noite, em occasião que preparavão a escada.

Consta-nos, porem, que a policia não fez incoñtinentemente precisos interrogatorios; pois que sendo os tres snieitos presos na noite de sabbado, só na

Não deixar uso de produzi o seu resultado, e se não que o diga o portandemo na rua Grande na esquina da de Santa Rita, e o soldado Cunha um dos capturantes & &

Jardim.—Bem justas sao as reflexões da preciosa *Fezbaléa Maranhã*. Nós tambem não sabemos a causa por o Jardim não se abre nas tardes dos domingos e nas noites do bello luar, com uma das bandas de musica. Talvez se o Jardim fosse de algum particular mais distrações apresentasse ao publico; porem, neste nosso Maranhão tudo é assim.

Não desejamos offender a ninguém; mas cremos que o culpado disso é o sr. capitão Ignacio José Ferreira, administrador do dito jardim que muitos nomes tem dessa sua *Dalhineg*; e a razão é clara.

O seu antecessor por essa administração tinha o mesmo vencimento—300\$ annuaes, porem todos os meses apresentava no thesouro provincial uma conta de 10 a 16\$. proveniente de despesas com compras e concertos de tinias, regadores & & O sr. Ferreira desde que foi nomeado nunca apresentou um real de despesa com o Jardim, fazendo esses concertos e compras, por capricho, a sua custa.

S. s. em vista disso para que não soffra muito a bolça, talvez concorra para que o jardim não seja sempre concorrido. Louvamos e muito o patriotismo de s. s. mas não é justo que com elle soffra o publico essa falta de distração.

E porque fallar os no Jardim cumpre-nos dizer que a bella illuminação que ali houve na noite de 29 do passado, foi as expensas de S. exc. o sr. Presidente da provincia, e do Sr. capitão Ignacio José Ferreira.

Aprendizes de Cantoria.—Existe ali para as bandas do largo de palacio um lugar onde reuñem-se alguns *amantes do lyrico* em inter-nos ensaios, que bem encommendativos pela algazarra, devem ser a S. exc. Rev. a quem por esse modo se não respeitã.

Não nos admira tanto do desfrute que dão os taes rapazes *cantarulas e guitarruntas*, como da parceria que fazem com o escravo, mestre da musica vocal! Com mais minuciosidade voltaremos.

Incendio.—Na manhã de 9 do corrente houve um pequeno incendio na foguearia do sr. Castanheira, na Trindade, que a não serem os rapidos esforços dos vizinhos e de outras pessoas, poderia haver uma grande explosão.

Não é a primeira vez que se manifestão desses pequenos incendios. E prudencia o sr. Castanheira remover d'ahi para algum lugar mais retirado a sua fabrica de fogos artificiaes; pois que, por qualquer involuntario descuido, podem ser victimas não só a sua familia, como os vesinhos até o largo do Palacio.

Hontem as duas horas da tarde deitão os sinos sinuaes de incendio, que nos dizem ter sido para as bandas do Carrupira.

O Seculo.

De excesso em excesso marcha o redactor do Seculo em sua linguagem violenta, contra ca-

ANEXO B

Jornais maranhenses do século XIX em que Maria Firmina dos Reis
publicou poemas

Poesia: *Não me acreditas!* Publicada no jornal *O Jardim das Maranhenses*
em 20 de agosto de 1864

100

—O JARDIM DAS MARANHENSES—

A ser infeliz desgraçado,
A viver no mundo só !..

Vai pois, Donsella formosa
Foge do mim, Como a rosa
Fugir deve do furacão !
Vai ser d'outro ! —q'eu errante,
Qual perdido caminhante,
Hrirei viver na soidão !..

Setembro 29—1861. Castro Queirós.

—•••—
O AMOR.

Enorme serpe terrível
E' o amor,
Quando n'um peito sensível
Vasa a dor!

E' lança aguda e luzente,
E' punhal,
Que nos fere cruelmente,
Que é fatal !

O amor é tormento eterno,
E' volcão;
E' facho ardente do inferno,
E' traição !

Amargo veneno, lento
Em matar,
E' vil tyranno, cruento,
A reinar !

Mas quando é nobre e é santo,
A sorrir,
E' joia de mágo encanto,
A luzir !

Então é nectar gostoso
No sabor;
E' do peito o sol formoso
Este amor !

E' da existencia a ventura,
E o matiz,
Que torna a humana creatura
Mui feliz !

Se o fado me não tratasse
Com rigor,
Quem me dera que eu gozasse
Este amor !

J. DE C. ESTRELLA.

—•••—
Não me acreditas !

(A PEDIDO)

Não me acreditas !.. acaso
Ha quem mais te possa amar ?..
Quem te renda mais extremos,
Quem saiba mais te adorar !?..

Acaso amor mais constante,
Acaso paixão mais fida,

Mais melindrosos affectos
Predeco-te, de amor—a vida ?..

Asaso viste a teu lado
Gosar alguém mais ventura --?
Acaso ternas carícias,
Cobreste de mais ternura ?..

Não comprehendes quanto doce
Essa duvida cruel !..
E' gota, a gota exprimida
No peito,—de dor, e fel.

Não me acreditas --- entanto
Ninguem mais fiel te amou,
Ninguem te rende mais cultos,
Ninguem melhor te adorou.

Sinto em amar-te praser;
Porqu' o duvidas ?—cruel !..
Ha quem mais vele teos dias,
Quem mais te seja fiel ?..

Não me acreditas ? procura
Mais fido, mais terno amor,
Mais duplicados extremos,
Desvelos de mais primor.

Mas embalde... Oh eu te juro,
Só eu te sei adorar!
Mais doce amor, e mais terno;
Jamais na vida has de achar.
Guimarães. M. F. do' Reis.

—•••—
Um Brado do Coração.

Pelo mundo indeferente, eu vago incerto
Sem noite, porvir, sem uma esperança,
Minh'alma inflamada em mil affectos
Busca em vão, um santelmo de bonança.

Ao fabuloso dó, pungente escarneo
De gente que o soffrer não comprehendê;
Orgulhosa em tarpir prefere o encerro
Do mizero peito que ao sepulchro tende !

Senão fôras meu anjo, (oh Deus que inferno)
Que destino fatal, horrido futuro,
Ao longe vejo-te com os olhos d'alma
E nella impressa tem teu rosto puro.

Tu casta virgem, enlevo das almas
Que minha existencia recuzas dourar
Es meu talisman, meus puros affectos
O unico thesouro que aspiro gozar.

Ai não recuzes que contemple, virgem
A meiga candura de teu rosto pulchro,
Que minh'alma triste de tauto pungir.
Sem equilibrio cahirá no sepulcho.
30 de Setembro—1861. J. R.

Decifração da charada do n. passado é —
Pires.

Rogamos aos nossos assignantes, que por descuido do entregador deixarem de receber pontualmente este jornal, hajão de reclamar na typographia Maranhense, rua Formosa—e na mesma recebem-se assignaturas.

Maranhão—Typ.—Conservadora—

1860

A IMPRENSA.

del é do theor seguinte—Illustrissimo senhor Administrador dos Correios desta Província—Antonio Tavares da Costa, prociã que vossa senhoria lhe manda dar por certidão o theor da guia que accompany a correspondencia dessa Administracão para a Agencia da Villa do Brejo, em desobediencia do ultimo, touro mais ou melhor, condurida pelo Vapor Lusitany.—espera ser deferido.—Theresia vint e duas de Novembro de mil oitocentos e sessenta.—Antonio Tavares da Costa.—Passo.—Administracão do Correio em Therozina, vinte e duas de Novembro de mil oitocentos e sessenta. Moraes Junior.—Certifico em cumprimento do despacho retro do senhor Administrador, que a guia de que faz menção o supplicante em sua petição retro é do theor seguinte: Correio do Brejo de sessenta de setembro de mil oitocentos e sessenta.—dous officios, pela presidencia da provincia au Dr. Anteo José Borges—cartas—Felix dos Santos Oliveira, uma carta—José Martins Ferreira Sobrinho, uma dita—Miguel José Martins, uma dita—Raimundo Joaquim de Moraes, uma dita—Raimundo José de Lima, uma dita—dous mais do correio de Maranhão ao correio dessa—um dito do correio da Parahyba ao correio dessa. E para constar passou-se a presente. Em João José Alexandre de Moraes—ajudante contador interino da administração do correio da provincia do Piauy a fiz e subscrevi a 22 de novembro de mil oitocentos e sessenta.—O ajudante contador interino—João José Alexandre de Moraes.—E nada mais se continha a respeito de tal papel, que me foi pedido e ao mesmo me reperto e douço. Em Rivaldo Ribeiro de Brito, que escrevi em publico e raso.—Em testemunho de verdade.—O tabellião publico—Reinaldo Ribeiro de Brito.

Maciaz auras, esuzando apenas As unhas agitas, que ligetia fisa. Dus cores d'anjuk as celestes esultas, Du voz sentida de queysoo nasist; Accentos moxas na scilabos peribulos, Loug quas notas do saudosa fozma. Estrella d'alva, que nã jem desqualos, Fiescor da larne, rosicão do dia. Transponte lerno de amoroso encanto, Qu'inspira, e gera ditinal poesia. Percorre o infinito, reyna no espaço, Conquellendo a grandeza, que exalta nos ceos, Aspira o perfume das auras divinas, Entoa co' os anjos seus hymnos a Deos. Voaste, minha esuzante, Duosa prenda de amor! Estrella da madrugada, Em seu virgineo cambor, Mimosa lino nas aguas, Orvalho sobre uma flor. Por que tão breve deixaste A senda do seu viver?... Porque, floridã, na sista Qu'estez innumereca?... Porque triste nos deixaste, Entregue a tanto soffrer?... Porque de Deos um anjulo Junto a teu berço pousou, E com auri-brancas azas Tuas brancas lazes recou, Como brasa que macia Pelas ervas perpassou! E do ceo viste a entrada, Qu'o meigo anjo indicoou, Viste phalange de anjulos, Qu'a vista te fascinou, Viste mysticos enlevos, Que todo o seir te abalou. E logo deixaste a terra, Risonho, bello, e contente; Porqu'os anjos te ascençavão Com branda gesto innocente; Porque lá viste meiguices, Qu'amaeste perdidamente. Percorre o infinito, reyna no espaço, Comprehenda a belleza, qu' existe nos ceos, Aspira o perfume das auras divinas, Entoa co' os anjos teos hymnos a Deos.

Por M. F. B.

- 12 Manuel Silveira da Silva Couto, negociante.
 - 13 Marcelino Augusto Marquês, artista.
 - 14 Dr. Raimundo Teixeira Mendes, engenheiro.
 - 15 Elitor de Freyza de N. S. da Conceição.
 - 1 Antonio Trindade d'Azevedo, artista.
 - 2 Antonio Joaquim Maccoco Salgado, propriet.
 - 3 Francisco Benedito Quindros, teleo.
 - 4 Dr. Francisco José Furtado, empreg. publico.
 - 5 Felipe Brito d'Oliveira Gondra, idem.
 - 6 Fabio Alexandrino Lisboa Parga, negociante.
 - 7 Faustino Lello de Mello Reis, proprietario.
 - 8 Henrique de Brito Guillon, empreg. publico.
 - 9 João Baptista Urey Junior, Agente.
 - 10 José Theopisto da Costa, empregado publico.
 - 11 João José Fernandes Silva, Negociante.
 - 12 José Carlos Pereira de Castro, Empregado publico.
 - 13 Dr. Manoel Jansen Pereira, Advogado.
 - 14 Raimundo Ferreira Barbosa, Empregado publico.
 - 15 Raimundo José Pereira de Castro, Negociante.
- Elitores da Freyza de São João Baptista,*
- 1 Alexandra Magno Rodrigues, empregado publico.
 - 2 Dr. Antonio Henriques Leal, medico.
 - 3 Bernardino José Pereira de Castro, empregado publico.
 - 4 João Gonçalves da Cruz, artista.
 - 5 João Gonçalves Nica, negociante.
 - 6 João Gonçalves da Costa Barradas Junior, empregado publico.
 - 7 Dr. Joaquim da Costa Barradas Junior, empregado publico.
 - 8 Joaquim Cyrillo Gonçalves dos Santos, artista.
 - 9 José Luiz dos Santos, empregado publico.
 - 10 José Silveira dos Iheres Gomes, cirurgião-mór.
 - 11 Lourivaldo José Alves d'Oliveira, negociante.
 - 12 Luiz Carlos Pereira de Castro, empregado publico.
 - 13 Manuel Gonçalves da Silva, proprietario.
 - 14 Saturnino Bello, empregado publico.
 - 15 Sergio Antonio Rodrigues Bayão, proprietario.

ATTENÇÃO.
Nesto typ. se off. quem para allegar um bom esvo, proprio para serven obras.
—Raimundo Antonio Lima passou a sua quitanda ao Sr. Pedro do Santos-Mator. Os Srs. que se rem ceduros do dito actimo, dirig casa de sua residencia na mesma rua fica com a quitanda do Sr. João de Oliveira.

OURO E PRATA
Nesto typ. se diz quem de por preço commodo porção de prata e ouro.

PEDREIRA.
Vende-se uma loja—Pedre misica ao sítio do Capitão Gonil d'Almeida, quem a pretender dir esta typographia que se dirá quem

—O BACHABEL Francisco U Silva Ribeiro advoga, podendo curado das 8 horas da manhã 7 tarde no collegio de N. S. dos Be rua de S. Antonio n. 49.

Para janellas.
Magnetas de vidro de cor para vendem-se no loja de Appolinariodrigues Valle de G. 2, na rua de A

NO HOTEL POR
vende-se excellentes feijão preto e lombo de Minas. No che Rio de Janeiro no vapor *Parana*

12 Manuel Silveira da Silva Couto, negociante.
13 Marcelino Augusto Marquês, artista.
14 Dr. Raimundo Teixeira Mendes, engenheiro.
15 Elitor de Freyza de N. S. da Conceição.
1 Antonio Trindade d'Azevedo, artista.
2 Antonio Joaquim Maccoco Salgado, propriet.
3 Francisco Benedito Quindros, teleo.
4 Dr. Francisco José Furtado, empreg. publico.
5 Felipe Brito d'Oliveira Gondra, idem.
6 Fabio Alexandrino Lisboa Parga, negociante.
7 Faustino Lello de Mello Reis, proprietario.
8 Henrique de Brito Guillon, empreg. publico.
9 João Baptista Urey Junior, Agente.
10 José Theopisto da Costa, empregado publico.
11 João José Fernandes Silva, Negociante.
12 José Carlos Pereira de Castro, Empregado publico.
13 Dr. Manoel Jansen Pereira, Advogado.
14 Raimundo Ferreira Barbosa, Empregado publico.
15 Raimundo José Pereira de Castro, Negociante.

nhã alma atirou a aquellas solidões geladas pelo sopro da morte;—esquecidas, dormentes, abandonadas no meio de uma população, que se agita, que se mencia, que ri, e folga; e que dorme não lembrada de suas saudades um somno tranquillo; porque a memoria do que ali jaz, não vem a noite, a hora do repouso collocar-se em torno do seu leito.

Esse suspiro prolongado doído como a agonia do moribundo, foi um echo de minh'alma febricitante, repercutido sobre as muralhas d'aquelle ambito de tristezas, ao qual eu sentia minh'alma presa, como a lousa na sepultura.

Esse suspiro, resumio um passado risonho; mas breve;—um passado feliz; mas... um presente de lagrimas e prolongadas amarguras...

Foi um suspiro intimo, doloroso;—um suspiro lento como soluço de agonisante.

Elle passou por meu peito despedaçando uma, a uma todas as cordas da harpa gemedora de minh'alma, e foi perder-se na amplidam do ceu; porque a terra não o podia comprehender.

Deos sim,—Deos o comprehendeu; porque comprehende a grandesa de todas as dores humanas; porque as pesa na balança do soffrimento;—porque compadecido de tão agro tormento, um dia nos diz:

—Basta!

Basta, sim;—porque esse martyrio é o grito de Rachel soluçando seu filho bem-amado... é o brado do infeliz, que mão homicida despenhou no abysmo;—é o suspiro doloroso da rota solitaria!...

Basta... porque esse soffrimento é o vaso de abysintio, que amargura a existencia até o extremo;—é suor de sangue a gotejar na terra, espremido pelas agonias do Horto!...

Basta em fim; porque a alma enlanguece a força da dor que a dilacera;—os olhos inchutos pelas agonias da vida;—o coração desfeito, e morto pelo sopro glacial da desventura, inclina-se para a borda da sepultura!...

E o vapor corria, corria sempre.

Fim.

Guimarães—72.

Maria Firmina dos Reis.

MARIETA.

PAGINAS D'UM LIVRO.

À Antonio Mello.

Vem do n. 30.

III

—Voto com o capitão! disse um dos circumstantes.

—E deve o fazer, continou elle, porque, meu amigo, eu lhe conto: na mocidade a nossa vida é um vaso de flores...

—Menos a minha, disse eu, interrompendo-o; será uma toica de cardos, chapada esteril, onde brotam unicamente doridos espinhos... o perfume dulcissimo de fragrantas flores só experimentei no berço... e lá mesmo... sabe-o Deos.

—Quero concordar, disse o arrojado marinheiro, tirando os oculos e depondo *L'univers illustre*; mas se não fosse o Sr. tão precipitado, escutaria de minha propria bocca o reverso da bonita medalha que lhe tracei. Escutem-me, pois: e na qualidade de mais velho não admitto interrupção sem previa licença.—De uma vocação decidida pela vida maritima; com a idade de quinze annos assentei praça de grumete em um dos vasos de nossa esquadra, então sob o commando de um homem respeitavel pelo seu talento e virtudes. Comecei a navegar e o amor cego, por aquella vida crescia de ponto. Vi Portugal; e como lhes posso mostrar das minhas impressões de viagem, Lisboa, Porto, Coimbra e Braga viram os meus primeiros passos na carreira do amor... Eu que admirava o *chorado* de nossos sertanejos, extasiava-me vendo a *Canna-verde* das coradas *cachoppas* aldeans.

As obras d'arte, os acueductos, estatuas e palacios não me influiram tanto como a simplicidade rustica d'aquella parte da população lusa.

Os pinhaes seculares que ali abundam foram por mais de uma vez testemunhas de minhas primeiras phrases de amor, murmuradas quasi ao ouvido de rechonchudas aldeans. Ah! tempo da *esfolhada* ainda hoje te choro... Passando á Hespanha, Córdoba, Andaluzia e Madrid por fim foram theatro de minhas heroicidades... Já eu esquecia a *Canna Verde* e o *Fado* para me embriagar nos *tangos* e *boleros* tão communs entre a raça iberica... na Hespanha, quem não dança é condemnado ao ostracismo social, *ninas, muchachas y madres* vivem da dança e para a dança... Quantas *calles y plazas* não me escutaram dizer muitas vezes

Hija querida de la gloria,

Hermana del pensamiento,—

My corazon te habla de amor...

E no entanto, passando á Italia, Napoles, Genova e Veneza varreram-me da mente a impressão do rosto gordo da *cachopa* lusitana e o pé pequeno e bem torneado da *hespanholita* dengosa. Quando a minha fraqueza de conquistador me levava a declarar que já tinha visto tudo aquillo, a napolitana espigada perguntava-me logo: *si è amatto? videre Napoli e poi morir*; e as ruas de Nápolès, apinhadas de *lazzaroni*, e os canaes de Veneza, cobertos de gondolas, testemunharam não só as minhas aventuras arriscadas, como também as minhas lamentações, acompanhadas ou pelo bandolim, ou pelo *realejo*.

E o mesmo deu-se á respeito da Franca, Inglaterra, Escossia, etc. etc.; as pontes do Sena, *Love's street and Garden palace* presenciaram,

Poesia: A Vida! Publicada no jornal O Jardim das Maranhenses em 30 de
novembro de 1861

—O JARDIM DAS MARANHENSES—

95

Parnaso—que, dos prêtos dos Sr. B. de Mattos, acabou de sair. Não foram justos esses Srs. Nesse livrinho figurão alguns maranhenses, e verdade; mas outros já entre nós reconhecidos foram lançados no olvido. Citamos os Srs. Estrella, — Cascaes, — Paulo Farias e outros: victimas do fatal esquecimento dos membros da comissão. Confessamos — não houve ordem na publicação desse trabalho.

Uma até duas poesias era muito bastante para fazer-se conhecido o seu auctor; mas vemos ahi senhores, com quatro e mais poesias. Não queremos offender a esses senhores, isto é uma leve advertencia; e como no prologo dessa obra promettem uma outra edição, estamos certos que essas faltas serão reparadas.

—Ora bem, Sr. Editor— mais pontualidade na publicação do Jardim, para não desgostar aos Srs. assignantes.

Adeos—até d'hoje a 8 dias, que estaremos na semana que vem.—Lembranças ao . . .

Seu constante leitor

O Caxorrinho das bellas.

TU.

E's uma estrella do céu,
Meigo sorriso de Deus;
E's a belleza sem véo,
Que adoça os dias meus.

E's a rosa fresca e bella,
A abrir-se no seu botão;
E's a açucena singella,
Que adorna meu coração.

E's a briza que oicia,
Lá no verde palmeiral,
E's a doce melodia
D'uma voz angelical.

E's a limpida nascente
Sob a relva a escorregar;
E's deusa de todo o crente
No céu, na terra, e no mar.

Tens os encantos da aurora,
Tens a fragancia das flores;
E's de minha alma que chóra
O alivio de tantas dores.

Hei-de amar-te com ternura,
Já que Deus te fez assim;
Nem junto da sepultura
O meu amor terá fim.

J. DE C. ESTRELLA.

SONETO

Certo dia metti-me a namorar,
E poeta também quiz logo ser;
Um soneto a minha *ella* vou fazer,
Pego na penna e me ponho a rabiscar.

Mas, oh! diabo! . . . Por onde começar?
O que hei de nestes versos lhe dizer?
Ah! já sei. . . Ao Parnaso irei bater
Té que Apollo me venha auxilliar

“Deus da lyra, monarcha portentozo
Vós que sois do Parnaso excelso rei,
Inspirai a um *amante* desditozo!”

Se o meu rogo foi ouvido, é que não sei
Mas o estro ja o sinto *luminozo*
Que vou começar. . . Oh! ja acabei!

Setembro—1861.

J. R.

A VIDA

Inocentinha donzella,
Eu a vi:—flôr de belleza!
Risonho esmalte do prado,
Desvelo da natureza.

Era toda virgezinha,
Toda misterios de amor!
Tinha a fragancia da rosa,
Tinha do lirio o candor

Era como a branca espuma,
Erguida por sobre o mar,
Como estrella da arvorada,
Antes do sol despontar.

Como suspiros de amor,
Que do peito, se esvacecem,
Que n'uns labios de rubim,
Docemente se esmorecem.

Tinha ledices, encantos,
Tinha mimoso folgar,
Como a lèda borboleta,
Como abelha, a suçurrar.

Mas depois, passou-se um dia,
Eu a vi morbida e triste,
Depois um dia, e mais outro,
A bella ja não existe!

Coitada! que sorte imiga,
Roubou-lhe tanto fulgor?
Foi um dilirio. . . Loucura!
Foi um bafejo de amor.

Eis como a vida se passa,
Após o riso, a tristura,
Após a vida, o dormir
No seio da sepultura.

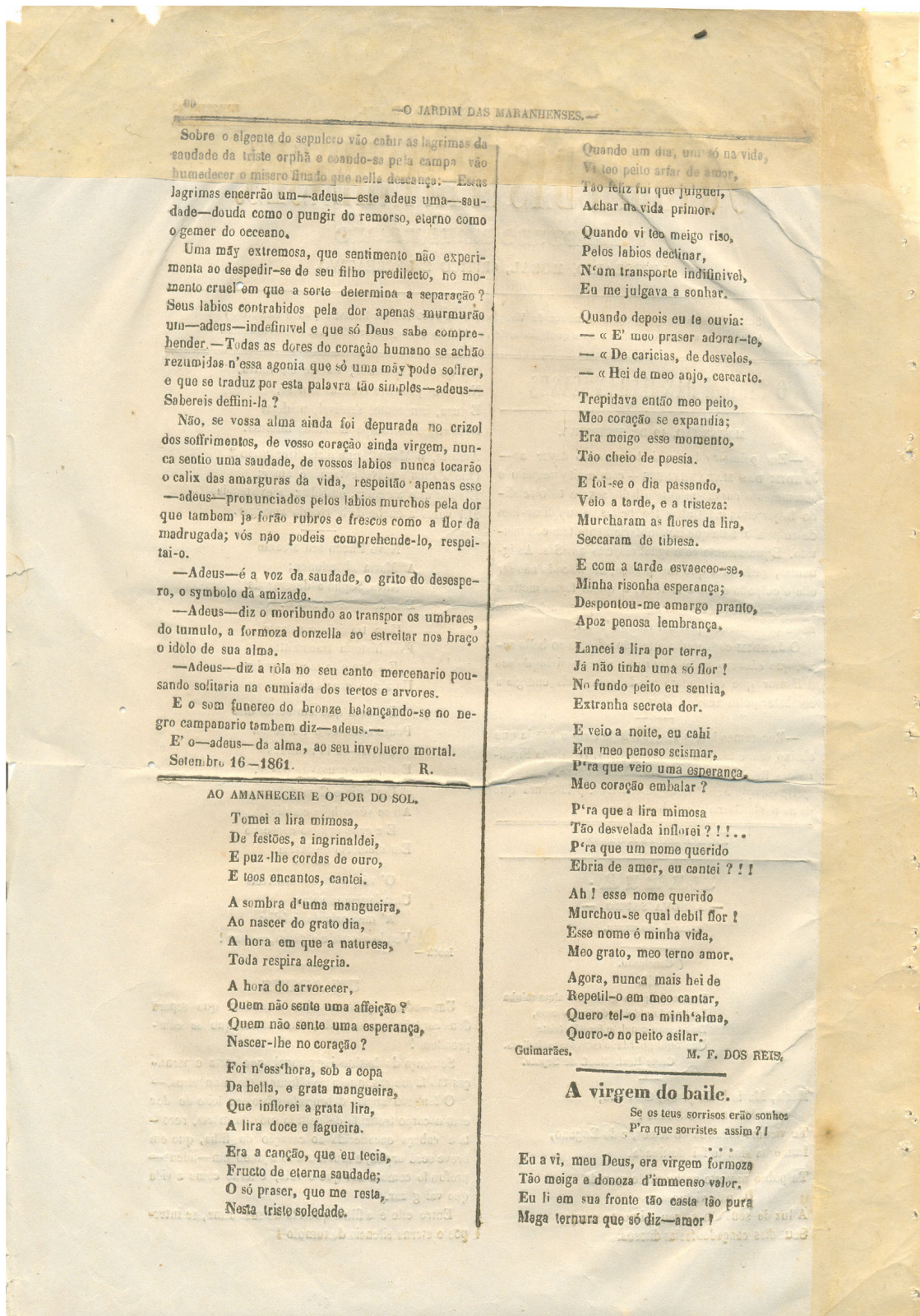
Guimaraes.

M. F. dos Reis.

Para ser cantada.

Gosto della
Porque é bella!
E' Leopoldina
Mui linda e bella!
Por isso mesmo
Sou todo della.

Poesia: Ao Amanhecer e o Por do Sol. Publicada no jornal O Jardim das Maranhenses em 30 de setembro de 1861



—O JARDIM DAS MARANHENSES.—

Sobre o algente do sepulcro vão cair as lagrimas da saudade da triste orphã e coando-se pela campã vão humedecer o misero linado que nella desceaga. —Easas lagrimas encerrão um—adeus—este adeus uma—saudade—douda como o pungir do remorso, eterno como o gemer do oceano.

Uma mãy extremosa, que sentimento não experimenta ao despedir-se de seu filho predilecto, no momento cruel em que a sorte determina a separação? Seus labios contrahidos pela dor apenas murmurão um—adeus—indefinivel e que só Deus sabe comprehender. —Todas as dores do coração humano se achão rezumidas n'essa agonia que só uma mãy pode soffrer, e que se traduz por esta palavra tão simples—adeus—Sabereis defini-la?

Não, se vossa alma ainda foi depurada no crizol dos soffrimentos, de vosso coração ainda virgem, nunca sentio uma saudade, de vossos labios nunca tocarão o calix das amarguras da vida, respeitão apenas esse—adeus—pronunciados pelos labios murchos pela dor que tambem ja forão rubros e frescos como a flor da madrugada; vós não podeis comprehende-lo, respeitai-o.

—Adeus—é a voz da saudade, o grito do desespero, o symbolo da amizade.

—Adeus—diz o moribundo ao transpor os umbraes, do tumulto, a formozza donzella ao estreitar nos braços o idolo de sua alma.

—Adeus—diz a rôla no seu canto mercenario pou-sando solitaria na cumiada dos tertos e arvores.

E o som funereo do bronze balançando-se no negro campanario tambem diz—adeus.—

E' o—adeus—da alma, ao seu involucro mortal.

Setem. bro 16—1861. R.

AO AMANHECER E O POR DO SOL.

Tomei a lira mimosa,
De festões, a ingrinaldei,
E puz-lhe cordas de ouro,
E teos encantos, cantei.

A sombra d'uma mangueira,
Ao nascer do grato dia,
A hora em que a natureza,
Toda respira alegria.

A hora do arvorecer,
Quem não sente uma affeição?
Quem não sente uma esperança,
Nascer-lhe no coração?

Foi n'ess'hora, sob a copa
Da bella, e grata mangueira,
Que inflorei a grata lira,
A lira doce e fagueira.

Era a canção, que eu tecia,
Fructo de eterna saudade;
O só praser, que me resta,
Nesta triste soledade.

Quando um dia, um só na vida,
Vi teu peito arfar de amor,
Tão feliz fui que julguei,
Achar na vida primor.

Quando vi teu meigo riso,
Pelos labios deignar,
N'um transporte indifinivel,
Eu me julgava a sonhar.

Quando depois eu te ouvia:
— « E' meo praser adorar-te,
— « De caricias, de desvelos,
— « Hei de meo anjo, carearte.

Trepidava então meo peito,
Meo coração se expandia;
Era meigo esse momento,
Tão cheio de poesia.

E foi-se o dia passando,
Veio a tarde, e a tristeza;
Murcharam as flores da lira,
Secaram de tibesia.

E com a tarde esvaeceo-se,
Minha risonha esperança;
Despontou-me amargo pranto,
Apoz penosa lembrança.

Lancei a lira por terra,
Já não tinha uma só flor!
No fundo peito eu sentia,
Extranha secreta dor.

E veio a noite, eu cahi
Em meo penoso scismar,
P'ra que veio uma esperança,
Meo coração embalar?

P'ra que a lira mimosa
Tão desvelada inflorei?!?!
P'ra que um nome querido
Ebria de amor, eu cantei?!?!

Ah! esse nome querido
Murchou-se qual debil flor!
Esse nome é minha vida,
Meo grato, meo terno amor.

Agora, nunca mais hei de
Repetil-o em meo cantar,
Quero tel-o na minh'alma,
Quero-o no peito asilar.

Guimarães.

M. F. DOS REIS.

A virgem do baile.

Se os teus sorrisos erão sonhos
P'ra que sorristes assim?!

Eu a vi, meu Deus, era virgem formozza
Tão meiga a donozza d'immenso valor,
Eu li em sua fronte tão casta tão pura
Mega ternura que só diz—amor!

Poesia: *Logogrifo*. Publicada no jornal *O Jardim das Maranhenses* em 13
de janeiro de 1862

—O JARDIM DAS MARANHENSES—

No dia, porém, o pitorasco largo possuio em seu seio as mais elegantes e bellas flores que adornão o aromatico bouquet Maranhense!

Oh! quanto invejei nessa noite a famosa penna de Lammartine, para descrever tudo o que ha de mais bello sublime e harmonioso! Quanto desejei o precioso pincel de Miguel Angelo, para retratar a poetica scena, sobre quem actuava a natureza.

Vio se donzellas ostentando soberbas o diadema virginal, ora sentadas sob frondozas arvores, apresentando um quadro sublime da remota vida pastoril, ora em turbilhão rindo e folgando; mas esses rizos só dizem candura, e esses folguedos expressam—innocencia.—Oh! lá?! como está poetico hoje; nada caro estro; melhor occasião, vamos agora ao que importa:

N'uma das noites de novena guiado por um força invisivel, ponde aproximar-me sem ser visto a um circulo de moças, cujas estrepitosas gargalhadas mais augmentarão-me a curiosidade.

O que será? pergunto eu cá com os botões, subiria algum balão? Haverá por aqui alguma raticão digna da hirallidade das moças? Algum Garibaldi improvisado? Mas eis que uma moça toma a palavra, ouçamos:

Você vio, D Mariquinha, outro dia no baile aquelle pobre Pipilet como estava desconfiado? Assim mesmo ainda tinha um pouco de carmin. . .

Carmin? perguntarão as moças. Sim, aquelle que na—Recreativa—lho derão na—*cuia dos quiabos*, lbe descobrião, o arrebique das faces!!!

Ah! ah! ah! já sei diz uma das moças; minhas senhoras é o moço do soneto, denominado Carmin, tambem o mesmo a quem fizerão este verso

Fidalgos en provizados
Que tingem o rosto de carmin,
De collete espartilhados
Pensando—*agradar*—assim.
Se vive ocioso o pimpão:
Caza de correção.

Bravos, bravos, a poeiza exclamarão as moças em côro, bem, vamos adiante.

Sim replicou a moça não pode haver maior desafio ou descaramento: fallão de nós, protellão contra nossos uzos quando delles se servem muitas vezes para cahirem no redileulo: Apparecerão os nossos balões, já elles uzando calças desta moda; vierão os garibaldis, ei-los tambem—*garibaldinos*—e atrever-se hão tambem a pôr o carmin?! côr que dá uma moça na ultima necessidade, quando vê que o casamento tarda, e o natural não agrada!! Fôra, fôra com o tolo, de-vemos reunir um *congresso*, e dar-lhe uma sentença; não achão minhas senhoras?

Approvo a lembrança da menina, diz uma Sra. velha que se achava tambem no centro (coisa infallivel) porque o homem que se pinta de carmin quando nos outas o fazemos por extrema necessidade, deve para sempre ser banido da sociedade, sentenciado ficar sen-

tado nos bailes, e ser troteado pelos—Bronzes Maranhenses—nas praças publicas da cidade.

Achamos pouco, replicarão as moças, em fim amanhã reuniremos congresso, e toremos D A por advoçada do réo. Nisto dissolverão-se e eu temendo que me vissem, e reverberassem igual sentença á mim, tratei de retirar-me lamentando o infeliz—quidam carminada o que cabio em taes mãos.

Morpheo é commigo. . . . Au revoir.

—PARODIA—

Perguntava um sugeito ao medico
A razão porque occultava
O rosto, e tremia quando
No Cemiterio passava.

Porque muitos d'aquelles (diz elle)
Por minha culpa ali estão,
E se chegão a conhecer-me
Ai de mim! . . . vingar-se-hão!

Setembro—1861.

J. R.

LOGOGRIFO.

Quatro syllabas encerra
Este nome portentoso,
Que já deo bons calafrios,
A um monarcha poderoso.

Primeira e quarta, foi o tronco
D'umas tribus, quando Deos,
Fallava aos filhos de Adão,
Como não falla hoje aos seos.

A segunda indica gosto,
Praser, affecto, alegria,
Quem te vendo o faz contente,
Sente por ti sympathia.

Terceira, e quarta contem .
Em seo collo clara lympha,
Passoa pela morada
De formosa, e branca nimpha.

Vede agora se decifras
O que fica ahí descripto;
Prômetto, se o decifrades
Que vereis o nome escripto.

Guimarães—

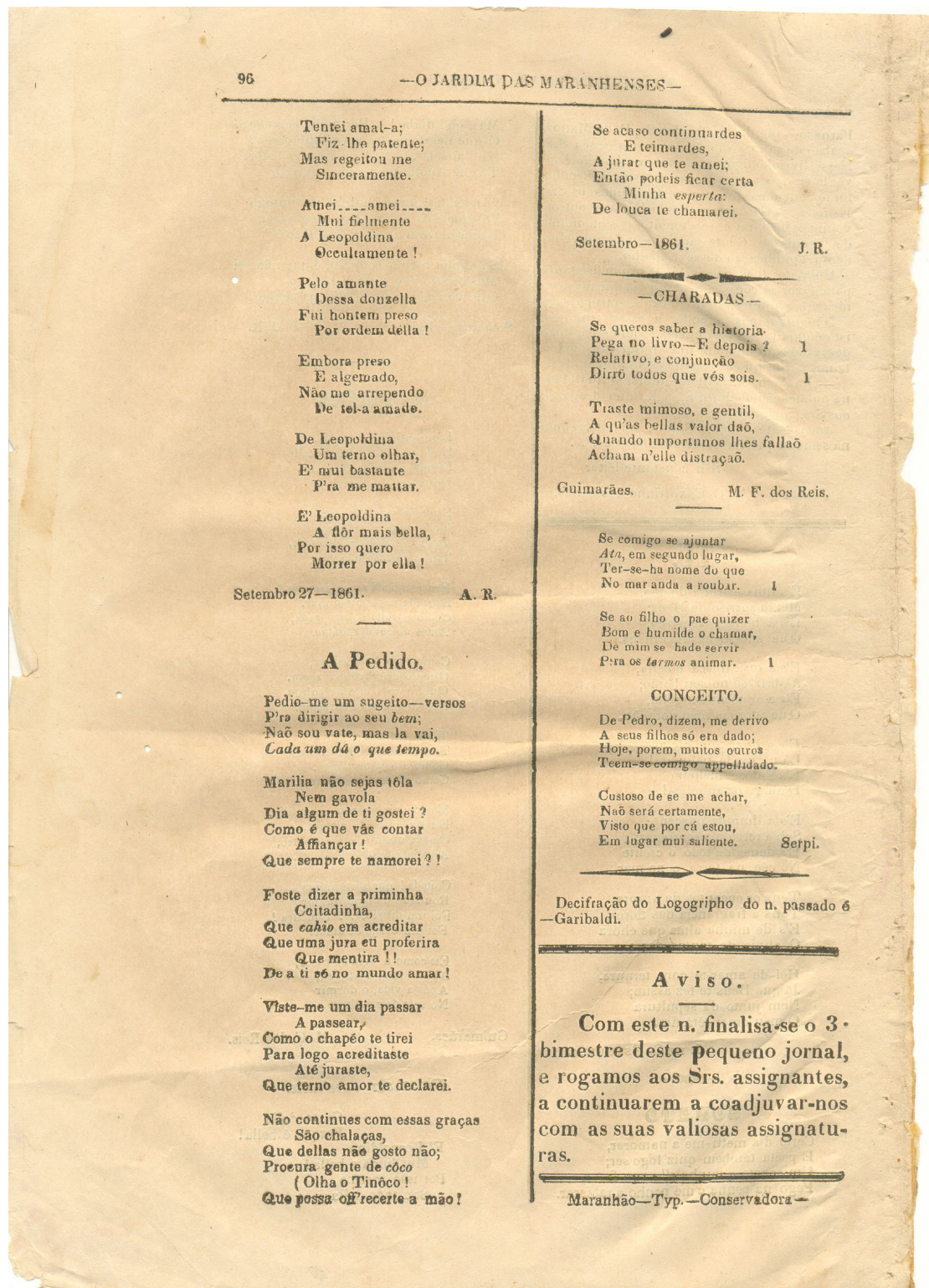
M. F. dos Reis.

Aviso.

—O «Jardim das Maranhenses» finaliza o seu 3.º bimestre, com o n. 24—por isso rogamos aos nossos mui dignos assignantes que hajão de continuar a prestar-nos as suas valiosas assignaturas, para que não desappareça do campo um defensor do sexo amavel.

MARANHÃO Typ. do — COMMERCIO — de Augusto Vespasiano Neves Gasques — rua da Madre de Deos. — 1861.

Poesia: *Charadas*. Publicada no jornal *O Jardim das Maranhenses* em 13
de janeiro de 1862



ANEXO C

Fragmentos do romance *Gupeva* publicado em jornais maranhenses

Fragmento do romance *Gupeva*. Publicado no jornal *O Jardim das Maranhenses* em 27 de setembro de 1861

ANNO I. SEXTA-FEIRA 20 DE SETEMBRO DE 1861. NUMERO 33.

O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO
LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

Subscrye-se nesta typographia ou na rua da Viração n. 6—á 1000 reis por bimestre (ou 8 numeros.)
A redacção accêita e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

O JARDIM DAS MARANHENSES

MARANHÃO, 19 DE SETEMBRO.

—Em primeiro lugar, é de rigoroso dever ao—
JARDIM DAS MARANHENSES— com muito respeito e
accatamento curvar-se ante o bello sexo e todo rendi-
do beijar essas mãosinhas tão bellas, e supplicar-lhes
desculpem a falta que involuntariamente tem commet-
tido. E juntamente com igual respeito aos Srs. Assig-
nantes, pede-lhes que lhe perdoe, attendendo não ser
elle o culpado e sim o Edictor, a quem fortes motivos
obrigarão hir ao Interior, porem haja se acba entre
nós e promette ser pontual como d'antes.

O **JARDIM** com muita attenção affiança ao bello se-
xo, que *choroso* andava por não saber noticias do seo
deffensor que continuará ainda com mais energia a
combater pelos seus direitos.

—Recommenda-mos aos nossos leitores a poesia que
abaixo vem estampada da Exma. Sra. D. Maria Firmi-
na dos Reis, distincta litteraria Maranhense,
Do coração agradecemos á S. Exc. pela honra que
dá ao nosso Jornal, collaborando-o.

LITTERATURA

MARIA.

— A NOVA SAPHO —
tradução do muniz.

(Conclusão.

III.

Dentro do peito geme esta alma minha
Lastimada e doida do impio caso,
Do successo cruel, e fim tão triste
Que aqui guardado estava a tal belleza.
Corte Real. Nauf. de Sepulv.

Maria, Maria! tão joven, tão linda,
Mas tão malfadada!
Tu victima ingenua do Amor, e do Engano,
Lumérta sina te foi destinada.
Tu pobre nasceste na humilde morada
De pais virtuosos:
A luz de seus olhos, seu mimo tu eras;
Seus dias cançados fazias ditosos.

Em quanto, ignorada, viveste em retiro,
Nos lares paternos crescias donosa,
E pura, innocente, sensivel, modesta
Bem como no campo florzinha mimosa.

Amasto, ó Maria! que mais dizer posso?
Que n'alma sensivel extremo é amor;
E amor que ameniza, embelleza a existencia,
Mil vezes a encha de horrendo amargor.

Novo Phaon seu amante
A' Maria abandonou;
Nova Sapho a desgraçada
Em desespero acabou.

Uma tradição constante
Esta historia transmitto,
E sobre essa mesma pedra
Uma alta cruz se erigio.

E dizem que em certos dias
Pouco antes de o Sol se pôr
Ouvião-se la gemidos
E ais, que causavão pavor,

Um Sitio e Casa de campo
Ali se vêem hoje em dia,
E a cruz inda se conserva
Em memoria de Maria.

O' vós, corações sensiveis
Uma lagryma votae
A' memoria da infeliz;
Vendo a cruz e a pedra,—orae!
Icatá—

UM ADEUS

Um—adeus—palavra triste e saudosa que separa
dous corações que se amão, duas almas que se com-
prendem!
Sentença do destino inexoravel, que corta esperan-
ças tão fagueiras, que a meia futuros tão lisongeiros.—
O longevo anciao debruçado sobre seu leito de dor
com o corpo tranzido de gellido suor da morte, recos-
ta a cabeça encanecida ao coração da filha, que em
breve será orphã, e murmura soluçando um—adeus—
profundo como a dor que o rala, é terno como a vida
que vai g'zar.

Entre elle e a filha querida da sua alma, se inter-
põe o eterno silencio do tumulo!

Fragmento do romance *Gupeva*. Publicado no jornal *O Jardim das Maranhenses* em 13 de janeiro de 1862

1862

ANNO I. SEGUNDA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1862. N. 29.

O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO.
Litterario, Moral, Critico e Recreativo.

Subscreve-se nesta Typ a 1\$000 por bimestre— ou 8 ns —A redacção aceita e publica todo e qual quer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes

JARDIM DAS MARANHENSES

MARANHÃO, 13 DE JANEIRO DE 1862.

Entramos no anno de 1862! O *Jardim das Maranhenses* ainda existe! graças a boa vontade dos Srs. assignantes.

Ei-lo, pois, saudando respeitosamente ao bello sexo, a quem deseja innumeradas felicidades e boas entradas de anno; e aos Srs. assignantes, a quem encarecidamente implora o perdão de suas faltas. Conhecemos serem ellas dignas de todo o reparo; mas como foram commettidas involuntariamente, pedimos mil desculpas: e novamente rogamos-lhes continuem á prestar o seu apoio á bem desta pequena, mas util empreza.

Temos lutado com immensas difficuldades, para a sustentação do *Jardim*, mas tambem á risca temos cumprido o seu programma publicado em o n. 1; o qual pretendemos fielmente seguir.

Concluindo este pequeno artigo, não podemos deixar de agradecer a todas as pessoas que, com suas bellas produções litterarias,

honrarão as paginas do nosso acanhado jornal; muito especialmente a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis.

Francas estão as paginas do *Jardim* á quem quizer honral-as com seus escriptos; uma vez que estes estejam comprehendidos nas raias da decencia.

Chronica semanal.

— « *Mais vale verde do que nunca!* » — E' o rifão que sempre ouvi a meu avô, e o mesmo com que se escuda agora o *Jardim* para deffender-se das más linguas que Xrinna agouravão sua somnolencia no préto.

— Ei-lo pois; com o seu amigo o Sr. *Anno Novo*, acompanhado do invisivel chronista, desmentindo os *martiferos* boatos propagados contra a sua reputação, e entrando sem mais preambulos na *ordem* dos tempos, *tim, tim, por tim, tim, p, a pá*, Santa Justa.

Mas, *in primo loco*,=tenho á dar os bons dias as minhas encantadoras leitoras, desejando-lhes felizes entradas de anno, como tambem certificar-lhes que o corcovado velho,

o quer que fosse de afflictivo, e desagradavel; mas era de mais para suas forças, essa lucta, em que elle em vez de ganhar com a sua logica, perdia consideravelmente. Meditou por algum tempo, e depois disse:

O teo delirio te torna ingrato... mas eu te perdôo, não estás em ti. O commandante, passa a noite em terra, aproveita a sua ausencia; ali está uma lancha, vai a terra; mas pela honra, jura-me que antes do amanhecer estarás a bordo.

Juro-te— “ exclamou o moço, lançando-se nos braços do amigo.

Foi um abraço prolongado o desses jovens maritimos, a quem a igualdade de nascimento, e o embate dos mares tinha tão intimamente ligado.

Um momento depois, a lancha cortava mansamente as aguas, deixando após si um rasteiro esbranquiçado.

Acabavam de soar nove horas; a noite era escurissima, e nem sequer uma estrella se pintava no céu. Alberto, seguiu com o seo

GUPEVA.

ROMANCE BRASILIENSE.
por
MARIA FIRMINA DOS REIS.

(Continuado do n. 27.)

I.

Prometto-te, querido Alberto=“ interrompeo o moço francez —” prometto-te que as não farei.

Nesse caso, principia por te deixar cá ficar: não vás, querido amigo, a essa entrevista.

O joven francez, teve então um momento de impaciencia e franzindo o supercilio, disse.

Custa-te, a prestar-me o serviço, que te peço? ... pois bem. Vai-te, e deixa-me com a minha loucura.

Alberto, fixou-o com indesivel tristeza: o coração como que nessa hora presagiava-lhe

em 1865

facilidade, adquire raizes profundas e produz doces ou amargos fructos, conforme o principio de sua origem.

Quantos desvelos, quantos cuidados não são precisos nessa primeira idade da vida!

Ser-nos-ha licito avançar que entre nós esses desvelos e cuidados dirigem-se antes ao corpo do que ao espirito?

Desgraçadamente é a verdade; verdade bem dura, mas incontestavel, se attentarmos para os factos, que mais alto do que nós fallam, e vem em nosso apoio.

A sociedade, em suas extravagancias da moda e do luxo, tem por inexplicavel anomalia banido do seio das familias certos principios aconselhados pelo bom senso e pela moral, adoptando novos habitos cujas consequencias tem de influir maleficamente no futuro.

A educação resente-se dessa influencia malefica; soffre a familia no individuo, soffre a sociedade na familia, soffre a humanidade na sociedade.

O immenso futuro que parece estar reservado ao Brasil e que tem de ser representado pela geração que desponta, reclama com toda a força de um direito sagrado o cumprimento da missão que nos foi imposta, de preparar esse futuro e legal-o aos vindouros mais risonho do que nol-o transmitiram nossos antepassados.

Segundo as mais sagradas leis da humanidade, não nos é dado subtrahir-nos a esse dever imprescriptivel, intimamente ligado à vida das sociedades humanas, cuja tarefa neste mundo não se resume em si, mas tem tambem um fim providencial que não lhes compete indagar, e sim marchar para elle, guiadas pela mão occulta que lh'o aponta envolto em horisontes desconhecidos que so se abrem a posteridade.

E ai d'aquelles que não sonberam desempenhar sua tarefa; que não comprehendem todo o alcance de sua grandiosa missão!

Ellas mesmas pronunciam o *verdict* da sua condemnação na historia da sua epocha, escripta com suas proprias mãos.

Esforcemo-nos em evitar a maldição dos vindouros; voltemo-nos para o berço de nossos filhos, cujo sorriso meigo e infantil será o pronuncio da mais severa exprobação, quando a sociedade que elles representarem for viciada pela tradição!

Concluiremos este artigo com o sublime principio de um illustre philosopho, Frebel, homem que se dedicou com incrivei abnegação ao estudo e à educação da mocidade: « reside na infancia a eternidade da vida; preparemos por ella a felicidade das futuras gerações; em nossas mãos está o tecermos-lhes corôas de rosas ou de espinhos.»

Estas palavras são bem dignas de seria meditação.

ADDUS.

LITTERATURA PORTUGUESA.

CARTA III.

—Venhamos ora a outra accusação formulada com igual energia, mas com igual fundamento.

Tambem S. S. se benzeu por ter visto escrever *intendimento*, *intender* e semelhantes. Applaudo muito mais este actô de benzer-se do que o de nos atirar com os livros á cara; mas depois que assim se preparou religiosamente, vejamos as causas da sua benzedura.

A nossa defeza é, como sempre, singellissima: escrevemos *dest'arte*, porque a palavra vem do verbo *intendere*, naquella de suas accepções que o approximava de *intelligere*, como quando Terencio escreveu: *Hanc se intendit esse*, ou Cicero: *Quomodo nunc intendit*. Se pois a derivação nos manda escrever *in*; se muitas dezenas de palavras portuguezas, cuja primeira syllaba é *in*, soão da mesma fórma que na palavra *intender*; estamos exactamente no caso do preceito, e não é licito escrever... senão do modo censurado.

—Por aqui poderíamos ficar, quanto a esta nuga; porém a veneração devida ao illustre grammatico impelle-me, *salva pace tanti viri*, a apreciar os fundamentos do seu asco ao *in* e do seu amor ao *en*. Vejamo-los.

Diz que na palavra *entender*, a primeira letra que elle pronuncia soa com *e*. Se tal fosse a pronuncia geral, nós escreveríamos *entender*, como escrevemos *entro*, apesar de se dirivar do verbo *intrare*; é pois simples questão de facto; mas, prestando attento ouvido a pessoas que fallão correcta e elegantemente, supponho que o verdadeiro som da syllaba é *in* e não *en*; ao menos é nessa intelligencia que empregamos tal orthographia? Não se pôde então dizer que, se alguém commette *crime de lesa pronuncia*, é quem veda se escreva com as letras, que, unicas, representão não só a derivação, senão a mesma pronuncia?

—Continúa, perguntando porque razão traduzimos pela preposição *en* a correlativa *in*? e diz que melhor seria «ficarmos fallando como as mulas.» O dito é mui chistoso, mas inapplicavel. A nossa orthographia não tolera-se adultera-se a unanime pronuncia dos vocabulos. Ella nos diz que phonographemos, nos casos em que com as letras originarias se não alcance, por transmudado, o som portuguez (regra 4ª). Não podemos portanto escrever *in*, porque isto nunca poderia soar como *en*, que é a nossa palavra; e caduca a sentença que nos condemnava a metempsose em mulas.

—Accrescenta o nobre auctor: «Os nossos neographos, PELA IGNORANCIA QUE TEM DA LINGUA, confundem a preposição latina ON com a particula negativa, que se escreve do mesmo modo! A lingua latina, neste caso mais pobre que a portuguez, não tem senão uma unica voz para exprimir duas idéas inteiramente differentes. Em portuguez temos as vozes EM ou EN para exprimir a preposição, e IM ou IN para a particula. Eis aqui porque dizemos EMPOLVILHAR, ENNOBRECER, ENTENDER, em todas as quaes palavras o, que as syllabas EM ou EN representão é a preposição, ao mesmo tempo que dizemos INPAVIDO, INTREPIDO, INFELICITAR, onde se vê a particula IN do mesmo modo que no latim.»

Com a devida venia, direi que esta regra pecca, nada menos que por absolutamente falsa. Essa distincção, já aventada por outros, do *em* ou *en* para o sentido positivo, e *in* para o negativo, em portuguez, é flagrantemente opposta ao facto, imaginaria!

Encheria esta folha, se eu fosse a apontar todos os termos portuguezes, começados por *im* ou *in*, no sentido positivo, e até nem sei se o seu numero não excede os de valor negativo. Entre centenas de exemplos; será acaso negativo o *in* nos verbos *immolar*, *impellir*, *impender*, *impetrar*, *impingir*, *implantar*, *impli-*

car, *implorar*, *impôr*, *importar*, *impregnar*, *imprimir*, *imputar*, *incutir*, *inaugurar*, *incendiar*, *incitar*, *inclinár*, *incluír*, *incorporar*, *incorrer*, *increpar*, *incumbir*, *indigitar*, *induzir*, *inflamar*, *influir*, e innumeraveis, com todas as suas modificações e dependencia? Terá a inceptiva *im* ou *in* valor negativo nos substantivos *imminencia*, *immersão*, *impeto*, *impulso*, *incubação*, *influencia*, *inspiração*, *insulto*, *impostor* e *impostura*? Tê-lo-ha nos adjectivos *implicito*, *inclicto*, *infuso*, *ingreme*, *inherente*, *inicial*, *invadido*, *inveterado*, *intumecido*. . . INOPEM ME COPIA FECIT.

É, pois, esta regra um perfeito equivo-co do sabio censor. Não somos talvez mais ricos neste assumpto do que os latinos. Entre elles, o *in* era particula, e preposição que regia accusativo e ablativo. Na composição creava palavras que nós aceitamos com igual sentido e orthographia, representando não só negações, senão tambem infusão, superposição, applicação, repouso, permanencia, direcção, tendencia. . . e até ás vezes (note-se isto bem, porque é mais) accrescentava á intimativa do simples.

Vejamos agora uma galantaria, um assalto de . . . argumentos concludentes. O nosso mestre diz-nos que provém da nossa IGNORANCIA DA LINGUA o escrevermos *in* em vez de *en*. Vai para meio seculo, que M. Borges Carneiro publicou a sua *Grammatica e orthographia Portugueza*, onde se lê: «Não foi senão pela INADVERTENCIA, QUE OS NOSSOS MAIORES TINHÃO a respeito da etymologia, que se introduzio escrever algumas palavras por EM ou EN, ABERRAÇÃO esta que devemos emendar.» Este declara que *en* por *in* é inadvertencia, aberração; aquelle, mais varonil, re-dargue-lhe que escrever *in* por *en* é ignorancia. *Gens irritabilevatum!* Desculpemo-los; calor de convicções pôde bem gerar fervura de linguagem.

—Eis-aqui o ultimo argumento, o Achilles da censura em tal objecto: «Pela no-

va cacographia ficção confundidas palavras cuja significação é inteiramente diversa, ao mesmo tempo que, escrevendo, como escreve, a outra gente christã, toda a confusão é impossível.»

Exemplifica, dizendo que *intender* será fazer intenso, e *entender*, *compreender*; que *informar* será dar informações, e *enformar*, *metter na fôrma*.

Começarei minha resposta, observando admirado que ambos estes exemplos sejam de verbos que fogem á lei pouco antes promulgada, visto que em nenhum á aqui denuncia da inceptiva *in* tem valor negativo! Mas passemos adiante.

Manda a lealdade da argumentação que eu não anteponha como refutação a idéa de que são só os olhos e não os ouvidos os que podem apreciar semelhante diferença. Ao contrario, muito me apraz ouvir da boca de um illustre antagonista do nosso methodo, um dos argumentos que no-lo faz preferir.

Será pois boa orthographia aquella que contribuir para instantaneamente exhibir aos olhos, quando possível, diversas accepções de um vocabulo que sôa de fôrma idéntica. Assim affirma o nosso mestre. Pois bem: Sendo certo que elle não ha de querer que esta consideração apenas prevaleça empiricamente para meia duzia de vocabulos arbitrarios, eu lhe affirmo que a nossa orthographia etymologica e subsidiariamente phonica, preenche o seu *desiderandum* em escala decupla. Nenhum valor teria por si só o argumento de que as palavras *intender* e *informar* podem representar dous valores, escriptas diversamente, quando essa diversidade asseutasse n'um barbarismo de escrever, que a nossa orthographia repelle. Mas, se deve preferir-se a orthographia que mostra aos olhos o valor das palavras, heterogeneas no sentido, isomorphas no soar, — escrevendo com letras diversas, segundo as derivações — é o nosso contradictor quea, com este argumento, generosamente nos offerece a palma. Vejamos:

Eis-aqui, como exemplo, algumas das innumeraveis similares para os ouvidos, mas diferentes para o sentido, ás quaes a simples inspecção immediatamente a accepção devida:—Acto, acto—facto, facto—accento, assento—cella, sella—açõ, asso—anhelar; annellar—annular, annullar—apreçar, apressar—arrear, arriar—vale, valle—bucha, buxo—calla, cala—capear, capiãr—caçar, cassar—ceda, seda—sega, cega—cem, sem—cerva, serva—cessão, sessão—ceva, seva—chama, chamma—cita, sita, scytha—concelho, conselho—collar, colar—collo, colo—cycto, siclo—eça, essa—fita, fitta—gama, gama—gemma, gema—haro, aro. . . hera, era—incerto, inserto—invito, invicto—incipiente, insipiente—laço, lasso—maça, massa—molle, mole—paço, passo—pelo, pello—penna, pena—summo, sumo—tenção, tensão—phase, faze—e outras sem conto. Já vê S. S. que a sua propáganda fica muito mais amplamente victoriosa. . . com a doutrina opposta á sua,

—E nada mais se lê sobre esta materia na *Memoria* que estou estudando. Prestava-se-me ella a muito mais extensos desenvolvimentos, que já aliás lhe dei n'outro lugar; mas na imprensa diaria não é licito ir mais longe.

Imagino ter justificado a impugnada orthographia que eu sigo tambem, como os *preciosos de Lisboa*, e que ainda aconselho com muito mór severidade de applicação. Como, porém, as censuras orthographicas se não limitarão a estes pontinhos, continuarei, na seguinte carta a aprecia-las. Assumpto é este, muitas vezes apodado de frivolo, e todavia, se devidamente o encararmos, de consideravel alcance. Não são estes, por certo, olympicos certames, em que seja licito pleitear palmas, porém, nem sempre são inuteis os esforços de operarios obscuros.

ZERO.

Rio de Janeiro.

GUPEVA.

ROMANCE BRASILIENSE.

III.

—Muitas luas se ham passado, mancebe, continuou o cacique, com voz magoada, muitas luas já, e tantas que nem vos seidizer. E era uma tarde, bella como o foi a de hoje; mais bella talvez, porque era entam a lua das flores, e eu della me recordo ainda, como se fora hoje...

Sim, era uma tarde de enlevadora belleza; n'ella havia seduçam, e poesia, n'ella havia amor, e saudade. Sabeis vós o que nós outros chamamos—lua das flores? E' aquella em que um sol brando, e animador, rompendo as nuvens já menos densas, vem beijar os prados, que se avelludam, enamorar a flôr, que se adorna de louçanias, vevificar os campos, que se revestem de primoroso ornato, afagar o homem, que se deleita com a belleza da natureza. E' a lua em que os passaros afinam seos cantos melodiosos, é a lua em que a cecem mimosa embalsama as margens dos nossos rios, em que as campinas se esmaltam de flôres odorosas, em que o coração ama, em que a vida é mais suave, em que o homem é mais reconhecido ao seu Creador...

Elle fez uma pequena pausa e continuou:

—Era pois na lua das flôres, que a tarde um velho cacique, e um mancebo indio, do cume deste mesmo outeiro, lançavam um olhar de saudosa despedida, sobre o navio normando, que levava destas praias uma formosa donzella. Era ella filha desse velho cacique, que com magoa, a via partir para as terras da Europa; mas, a formosa Paraguassú d'a muito a havia distinguido d'entre as demais filhas de caciques; e sua afeição por ella era sincera, e immensa. Paraguassú seguia para a França, onde devia receber o baptismo, tomando por sua madrinha a celebre italiana, Catharina de Medices, cujo nome tomou na pia baptis-

mal; e não podendo separar-se da amiga querida, levava-a consigo, arrancando-a d'essa arte ao coração de seu pae, e aos sonhos deleitosos do moço indio, que magoado via fugir-lhe a mulher de suas afeições. Epica, Sr., chama-se essa joven india. Epica era o seo nome. A sua auzencia, não seria prolongada; o velho e o moço não o ignoravam; mas elles a amavam tanto, que foi-lhes preciso chorar. Seria um presentimento a dor que os affligia? foi talvez... choraram ambos: entretanto o velho era um bravo, e o moço já um valente guerreiro.

Ella, emtanto só concebia a dôr do velho; as saudades paternas aggravavam mais a magoa de o deixar; o moço indio era-lhe apenas pouco mais que um estranho. Seo coração ainda virgem desconhecia as delicias, e as torturas do amor. O indio, pois, era-lhe indifferente, se é que indifferente se pode entender um homem que estava sempre a seo lado, e que tinha em suas veias o sangue de seo pae. Este mancebo indio era filho de um irmão do velho cacique, e seo intimo amigo. Destinado desde a infancia para esposo de Paraguassú, este mancebo nunca a pode amar, nem tão pouco inspirar-lhe amor. Entretanto Paraguassú era bella! Elle amava perdidamente sua joven parenta: Epica era a mulher de suas doidas afeições, porem esse amor puro como a luz da estrella da manhã estava todo cuidadosamente guardado no santuario do seo coração; uma palavra, um gesto, não havia maculado ainda a pureza desse sentir magico, e deleitoso. Epica era pura, e innocente, como a pomba, que geme na floresta: seo coração conservava ainda o descuido enlevador dos dias da infancia. Oh! ella era como a assucena a margem do regato...

O velho cacique attentou nas lagrimas do guerreiro joven; e n'um transporte affectuoso, apertando-o contra o seu coração, apontando para o extremo do horizonte, onde se perdia já o navio, disse-lhe:

—Sê sempre digno de mim, e de teu pae; quando ella voltar será tua. Oh! eu o juro.

O moço ajoelhou aos pés do irmão de seo pae, e beijou-lhe as mãos com o entusiasmo do reconhecimento.....

—França! França!... «exclamou o tupinambá depois de alguns momentos de amargurado silencio» pudera eu esmagar-te em meos braços!!!

—Passaram vinte e quatro luas, continuou serenando-se um pouco, o mancebo as contara por seculos. Ao fim de cada dia vinha elle ao cimo deste outeiro, e d'aqui prescrutava os mares, nús d'uma vela, que visse lá das partes do occidente e quando cahia a noite, volvia triste e desconsolado aos lares do velho cacique. O misero velho tinha cegado nesse curto espaço, e só da boca do mancebo esperava cada dia a nova feliz que o havia lançar do fundo das suas trevas, no gozo da felicidade. Assim se passaram muitos dias... mas uma vez a lua veio estender seo lençol de prata sobre a superficie desta immensa bahia, e confundir suas saudades as saudades do moço, que a contéplava com melancholia, e ainda assim a suspirada Epica não voltara ás praias do seu paiz. A desesperança começava á lavrar no coração do moço guerreiro. O velho sentia maiores saudades; porém esperava com mais paciencia.

Um dia, porém, um navio alvejou ao longe; era ella; seo coração estremeceu de intima satisfação; no coração do velho cacique o transporte não foi mais vivo. Seos olhos a viram inda assim; elle mal podia acreditar em tanta ventura. Esse navio tam anciosamente esperado chegara em fim, e com elle a vida, a felicidade do mancebo. Ao menos assim o acreditava elle, louco de alegria. O anjo dos seos sonhos, o encanto dos seos dias, o idolo do seo coração, esse navio lhe acabava de restituir. O velho, tacteando as trevas de sua noite eterna, correo pela mão do

mancebo ao encontro de sua filha. Era um espectáculo bem tocante ver esse velho guerreiro chorar, e rir de praser, com a ideia de tornar abraçar aquella filha mimosa, que tocando-a, jamais a tornaria a ver. Epica a jovem india, trajava ricos vestidos a europea. Apertava-lhe a cintura delgada, e flexivel, como a palmeira do deserto, um cinto negro develudo, e as amplas dobras do seo vestido branco envolvião-lhe o corpo mimoso, delgado, como a haste da assucena a beirario. As tranças negras do azeviche, que lhe molduravam as faces avelludadas, eram aqui, e ali entremeadas de flores artificiaes. Era todo artificio aquelle trajar até entam desconhecido do moço indio; elle sentio repugnancia em ver aquella, que era tam simples no meio da solidam, ornar-se agora de trajes, que faziam desmerecer sua belleza, e seos encantos...

—Paraguassú de volta a sua patria, continuou o cacique após breve pausa, parecia sentir na alma os effectos desse inexprimivel sentimento de suprema felicidade, que deleita, e enlouquece o infeliz proscripto, no dia em que, inda que com as vestes despedaçadas, e a fronte cuspidá pelas vagas, uma dellas, mais benéfica, o arremessa á praia, onde seos olhos viram a primeira vez a luz. Trazia nos labios um sorriso, que levava facilmente a comprehender o praser, que lhe enchia o coração. Pela mão dessa bella princeza, seguia, debil e abatida, melancholica e desconsolada, a joven douzella brasiliense. Semelhava ella o lirio, crestado pela ardentia da calma; borboleta, que a luz da vela emmurcheceu as azas.

Contraste doloroso havia entre a fronte pallida, e abatida da moça india, e a fronte altiva, e risouha da joven esposa de Caramurú.

—Perdoai-me, continuou o cacique, se insisto nestas particularidades; o que me resta a contar provar-vos-ha que ellas não são aqui inuteis.

ANEXO D

Iconografías de Santa *Úrsula*

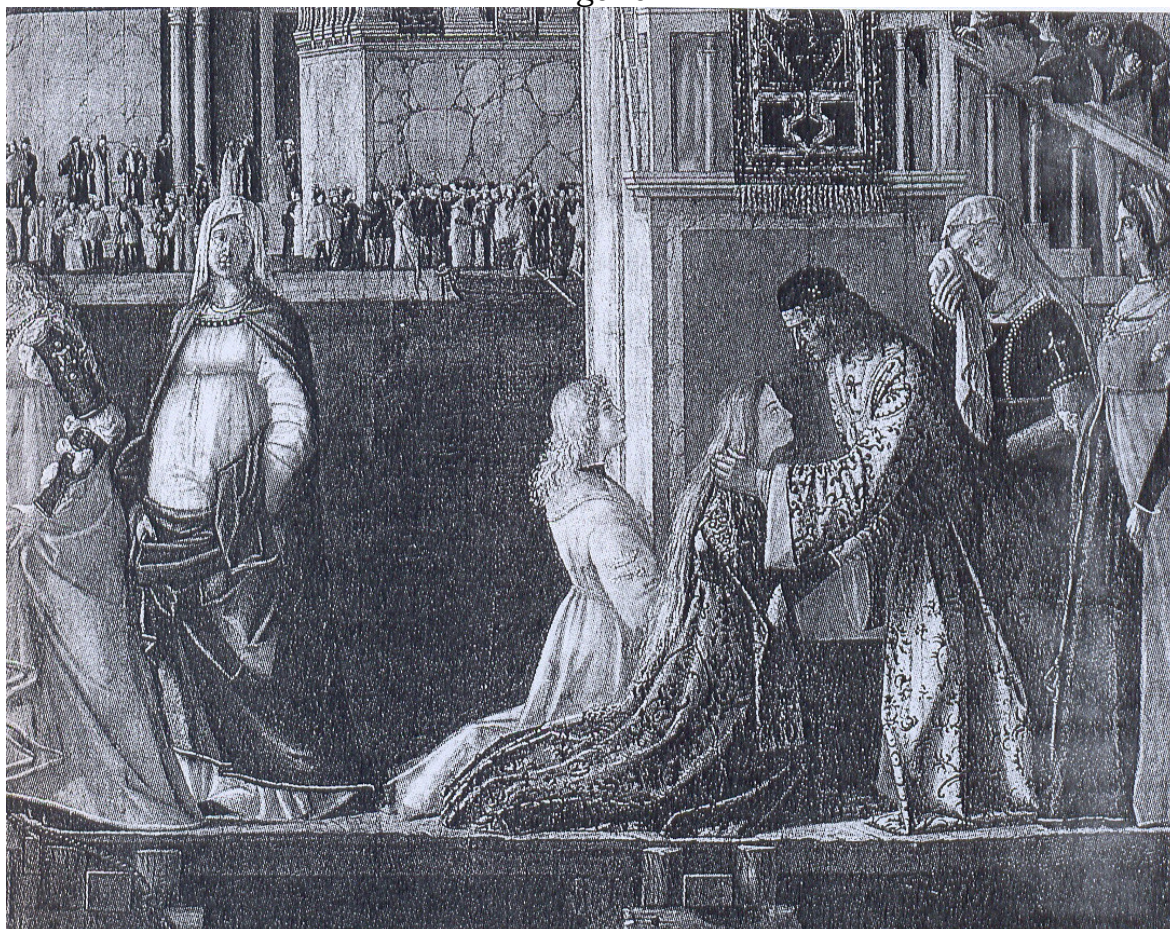
Foto de Santa Úrsula e as onze mil virgens. Autor: Laurentius Pasinelli inu.



Foto de Santa Úrsula e as onze mil virgens



Foto de Santa Úrsula e as onze mil
virgens



ANEXO E

Fotografias de Amélia Carolina de Freitas Beviláqua

Foto de Amélia de Freitas Beviláqua, quando solteira, doada pela família



Foto de Amélia de Freitas Beviláqua, quando residente no Rio de Janeiro,
doada pela família



Foto do casal Beviláqua publicada na revista carioca *Fon Fon* em 07 de dezembro de 1907

